

Os caminhos do Acompanhamento Terapêutico*

The pathways of the Therapeutic Accompaniment

Los Caminos del Acompañamiento Terapéutico

Cristiana Gerab, Márcia Fares e Tomás Bonomi

Resenha feita por *Roberta Veloso de Matos*** e

*Leonardo Sarno Taccolini****

O acompanhamento terapêutico funda-se na proposta de poder acompanhar os movimentos, sejam eles físicos ou existenciais, dos sujeitos no decorrer do tempo. Não por outro motivo, o livro “Clínica em trânsito: acompanhamentos terapêuticos” da equipe de AT¹ do Instituto A Casa, escrito após um intervalo de 12 anos desde a última publicação (SANTOS, 2006), evidencia em seus capítulos as mudanças sociais e políticas e seus consequentes impactos nas subjetividades e na clínica do AT. A obra é fruto dos impasses, experiências clínicas, questionamentos e reflexões vividos por essa equipe durante seus sete anos de trabalho. A construção desse livro passou pela articulação de uma rede, formada a partir desses anos de trabalho e expressa nos capítulos escritos por convidados.

O trânsito proposto pelo livro nos convida para um percurso que possibilita acompanhar o trajeto pelos meandros da clínica do AT, o qual dividimos em cinco momentos: o ponto de partida, uma primeira rota, o ponto de parada, o recálculo da rota, as bifurcações e o final da jornada.

O ponto de partida, composto pelos dois primeiros capítulos, apresenta uma reflexão sobre o que constitui a fundamentação e ética do AT. Abordam-se pontos fundamentais para essa prática, principalmente no que diz respeito ao perigo do enrijecimento teórico do AT e aos limites do cuidado. Isso porque o AT está calçado em um incômodo, uma pergunta que surge no encontro com a loucura. Esse é o ponto de partida que mobiliza e sustenta a prática, de modo que discursos que

* Resenha do livro: Gerab, C., Fares, M. & Bonomi, T. (Org.). (2018) *Clínica em trânsito: acompanhamentos terapêuticos*. São Paulo: Escuta.

** Jornalista, Acompanhante Terapêutica e Psicanalista. E-mail: roberta_dmato@hotmail.com

*** Psicólogo e Acompanhante Terapêutico. E-mail: taccolini.leonardo@gmail.com

¹ AT será utilizado no decorrer do texto como abreviatura de Acompanhamento Terapêutico e de acompanhante terapêutico/a (at).

visem aplacar o caos e o sofrimento inerentes à vida tornam-se “anti-AT”. O mesmo pode ser pensado em relação ao cuidado que esse fazer promove, no sentido de que apresenta-se uma equação insolúvel, cujos elementos são, de um lado, o desejo da ampliação das possibilidades de vida do acompanhado e, do outro, a aposta no saber do sujeito sobre sua própria vida. Trata-se de uma tensão que se refere à impossibilidade de “definir, teórica e tecnicamente, em qual momento devemos lançar mão do tal *esforço de tração* e quando é preciso recuar ou, ao menos, não insistir” (p. 32).

Já no que denominamos de primeira rota estão presentes os capítulos III ao IX. No decorrer desses capítulos vai se construindo uma reflexão sobre as distintas esferas das subjetividades; trata-se da reflexão sobre geografias subjetivas, a partir do percurso individual, histórico, cultural, entre outros, de cada sujeito. Nesse sentido, os capítulos IV e V procuram salientar o atravessamento da esfera virtual nas subjetividades da atualidade, constituindo-se como espaço tanto de fuga-proteção como habitação. Já o capítulo VI, a partir de um relato autobiográfico e da referência teórica de Sloterdijk (2016), coloca em primeiro plano a importância da construção de espaços de habitação, assim como os efeitos e marcas subjetivas produzidos por histórias nas quais esses espaços não foram possíveis.

Os capítulos VII e VIII buscam refletir sobre uma esfera que na atualidade é fundamental na constituição subjetiva: a instituição de ensino. Inicialmente, reflete-se sobre os efeitos da educação e aprendizagem na vida do sujeito, resgatando o que foi elaborado no capítulo anterior. Pondera-se também sobre o processo histórico de construção da instituição de ensino, assim como sua organização, lógica e desdobramentos. Por fim, considera-se a relação entre loucura, escola e inclusão, a partir de uma passagem por políticas públicas referentes a essa questão, assim como a atuação do at e os impasses nesse contexto.

Encerrando essa primeira rota, o capítulo IX relata um caso clínico no qual as questões do virtual, do habitar/pertencer e da educação mostram-se presentes e entrelaçadas. Trata-se de um capítulo que contempla de modo conciso e claro os efeitos do trabalho de AT, no sentido de ilustrar como o mundo virtual é, por um lado, expressão do espaço seguro que foi possível para o sujeito construir um pertencimento (em oposição à escola) e, por outro, é também manifestação do modo como o sujeito se relaciona fora dessa dimensão. No decorrer do relato, mostra-se que a mudança no estilo de estratégia no jogo online era correlato à mudança subjetiva nos outros espaços. Por fim, ressalta-se como o AT pode tencionar e acompanhar os movimentos do acompanhado, dentro e fora do jogo.

O que denominamos de ponto de parada refere-se ao capítulo X, que versa sobre a formação de ats. Trata-se de um corte que convida o leitor para atentar-se às questões envolvidas na formação dessa prática. Nota-se que a ótica sob a qual o AT é inserido nesse capítulo é significativamente distinta da exposta no capítulo I,

que faz uma provocação sobre o risco de uma prática e um pensamento diretos e cristalizados tamponarem os afetos e angústias inerentes do encontro de duas subjetividades.

Retomando o trajeto clínico, os capítulos XI ao XIII discorrem sobre a questão das pulsões no AT. A partir de casos clínicos, procura-se refletir sobre as pulsões, salientando sua manifestação nas situações de compulsão, assim como no estabelecimento da relação entre at e acompanhado e do ritmo de acompanhamento.

O que designamos de bifurcações contempla os capítulos XIV ao XVII, que abordam os diferentes desdobramentos do AT para além da clínica da psicose, na qual se originou, abarcando sujeitos que, embora não estritamente localizados no campo da loucura, também se encontram deslocados socialmente. Nesse sentido, comenta-se sobre a atuação do AT no contexto da adolescência em serviços de acolhimento e no envelhecimento, já que ambos encontram-se em momentos fronteiros da vida – o adolescente na saída da instituição e o velho na destituição da sua posição simbólica. De fato, o que vai se desenhando ao longo desses capítulos é a intrínseca dimensão política da clínica do AT, algo que os capítulos XVI, que trata de AT em rede pública, e XVII, que faz uma retomada histórica do AT e sua situação no contexto atual, procuram evidenciar.

Por fim, o final da jornada é marcado pelo capítulo XVIII, que é uma entrevista feita com Maurício Porto e Kleber Duarte Barreto, figuras importantes na história e transmissão do AT em São Paulo que integraram as primeiras equipes de Acompanhamento Terapêutico do Instituto A Casa na década de 80. Na entrevista, os convidados traçam um panorama das transformações dessa clínica retomando o trajeto construído ao longo do livro.

Nesse caminho que percorremos ao transitar por essa clínica - em trânsito – vivemos uma experiência que é própria da clínica do AT, no sentido de que, assim como essa prática convoca o acompanhante terapêutico a experimentar com seu corpo uma dose do que cada sujeito vivencia em suas loucuras e belezas, tivemos a oportunidade de viver esse encontro permeado por inquietações, afetações, desamparos e aprendizagens da clínica do Acompanhamento Terapêutico.

REFERÊNCIAS

- Gerab, C., Fares, M. & Bonomi, T. (Org.). (2018). *Clínica em trânsito: acompanhamentos terapêuticos*. São Paulo: Escuta.
- Santos, R. G. (Org.). (2006). *Textos, Texturas e Tessituras no Acompanhamento Terapêutico*. São Paulo: Hucitec.
- Sloterdijk, P. (2016). *Esferas I: bolhas*. São Paulo: Estação Liberdade.